

ELIAS CANETTI

UMA LUZ EM MEU OUVIDO

História de uma vida
1921-1931

Tradução
Kurt Jahn



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1980 by Carl Hanser Verlag München Wien.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Die Fackel im Ohr: Lebensgeschichte 1921-1931

Capa

Jeff Fisher

Imagem da capa

© Bettmann/ Corbis (DC)/ LatinStock

Edifício do Ministério da Guerra Austríaco, Viena, 1922

Preparação

Ana Miranda

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Juliane Kaori

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Canetti, Elias, 1905-1994

Uma luz em meu ouvido : história de uma vida, 1921-1931 /
Elias Canetti ; tradução Kurt Jahn. – São Paulo : Companhia das
Letras, 2010.

Título original: Die Fackel im Ohr: Lebensgeschichte
1921-1931.

ISBN 978-85-359-1768-0

1. Autores austríacos – Século 20 — Biografia 2. Canetti, Elias,
1905-1994 I. Título.

10-10505

CDD 833.912

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores austríacos : Literatura austríaca em alemão :
Biografia 833.912

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Para Veza Canetti
1897-1963

SUMÁRIO

- I. INFLAÇÃO E IMPOTÊNCIA — FRANKFURT 1921-1924
A Pensão Charlotte 9 • Uma visita importante 19 • O desafio 27 • O retrato 32 • A confissão de um tolo 36 • O desmaio 45 • Gilgamesh e Aristófanos 51
- II. TEMPESTADE E COMPULSÃO — VIENA 1924-1925
Vida com meu irmão 61 • Karl Kraus e Veza 68 • O budista 77 • A última viagem pelo Danúbio. A mensagem 85 • O orador 92 • O aperto 101 • O presente 109 • O cegamento de Sansão 115 • Honra precoce ao intelecto 121 • Patriarcas 127 • A explosão 139 • A justificação 144
- III. A ESCOLA DO OUVIR — VIENA 1926-1928
O asilo 156 • A pomba da paz 163 • *Frau* Weinreb e o Carrasco 174 • Backenroth 183 • Os rivais 192 • Um mórmon ruivo 206 • A escola do ouvir 213 • As mulheres inventadas 223 • A vista de Steinhof 230 • Entre máscaras mortuárias 239 • O 15 de Julho 244 • As cartas na árvore 252
- IV. A AGLOMERAÇÃO DE NOMES — BERLIM 1928
Os irmãos 263 • Brecht 267 • *Ecce homo* 274 • Isaak Babel 281 • As metamorfoses de Ludwig Hardt 289 • Convite para o vazio 294 • A fuga 301
- V. OS FRUTOS DO FOGO — VIENA 1929-1931
O pavilhão dos loucos 309 • A domesticação 316 • O arri-mo 326 • Passos em falso 340 • Kant pega fogo 353

I. INFLAÇÃO E IMPOTÊNCIA — FRANKFURT 1921-1924

A PENSÃO CHARLOTTE

Aceitei sem resistência as mudanças de ambiente em minha juventude. Jamais lamentei que, quando criança, tivesse sido exposto a impressões poderosas e contrastantes. Cada novo lugar, por exótico que me parecesse no início, conquistava-me pelo efeito particular que produzia em mim e por suas ramificações imprevisíveis.

Senti amargura em um único caso: jamais esqueci o fato de ter deixado Zurique. Eu tinha dezesseis anos e me sentia tão intimamente ligado às pessoas e aos lugares, à escola e ao país, à poesia e até mesmo ao dialeto que havia adotado, apesar da tenaz resistência de minha mãe, que meu desejo era ficar ali para sempre. Estivera em Zurique por apenas cinco anos, mas sentia, em minha tenra idade, como se jamais tivesse que ir a outro lugar; ali eu passaria o resto de minha vida, em crescente bem-estar intelectual.

A ruptura foi violenta, e todos os argumentos que levantei a favor de minha desejada permanência só provocaram escárnio. Após a devastadora conversa em que foi decidido meu destino, senti-me paralisado, ridículo e pusilânime; um covarde que se recusava a enfrentar a vida por causa de meros livros, um presunçoso entulhado de falsos conhecimentos que de nada valiam, um parasita, um aposentado, um ancião que não havia se afirmado em coisa nenhuma.

O novo ambiente havia sido escolhido sob circunstâncias para mim obscuras, e reagi de duas maneiras à brutalidade da mudança. Primeiro com saudade, que era considerada uma doença natural das pessoas em cujo país eu vivera, e, por sofrer dessa doença tão intensamente, sentia-me mais ainda como se

fosse uma daquelas pessoas. A segunda reação foi uma atitude de crítica ao meu novo ambiente. Fora-se o tempo do livre influxo de tudo quanto eu desconhecia. Tentei fechar-me ao novo mundo, que me fora imposto. Mas não fui capaz de uma rejeição completa e indiscriminada, pois minha índole era demasiado receptiva. Assim começou um período de provações e de críticas cada vez mais mordazes. Tudo que era diferente daquilo que eu conhecia parecia exagerado e cômico. Além disso, aconteceu que muitas coisas se me apresentaram ao mesmo tempo.

Havíamos nos mudado para Frankfurt e, como as condições eram precárias e ainda não sabíamos quanto tempo permaneceríamos, fomos morar numa pensão. Lá, ocupamos dois quartos, bastante exíguos, ficando muito mais próximos das outras pessoas do que em qualquer época anterior. Embora nos destacássemos como uma família, fazíamos as refeições em comum, no térreo, a uma longa mesa. Na Pensão Charlotte ficamos conhecendo uma variada espécie de gente, que eu revia todos os dias durante a refeição principal, e que aos poucos ia mudando. Alguns permaneceram durante os dois anos em que acabei ficando na pensão; outros apenas um, ou mesmo meio ano. Muito diferentes uns dos outros, todos ficaram gravados em minha memória. Eu tinha de prestar muita atenção para entender de que estavam falando. Meus irmãos, então com onze e treze anos, eram os mais jovens; e depois vinha eu, com dezessete.

Nem sempre todos os hóspedes se reuniam no refeitório. *Fräulein* Rahm, uma jovem e esbelta modelo, muito loura, a vistosa beldade da pensão, só de vez em quando participava das refeições. Comia pouco, para manter a silhueta, mas falava-se bastante dela. Não havia um homem que não a acompanhasse com o olhar, nenhum homem que não a desejasse. Como era sabido que além de seu namorado firme — proprietário de uma loja de moda masculina que não morava na pensão — outros homens costumavam visitá-la, muitos a contemplavam com o prazer que se sente com algo a que se tem direito, e que algum dia poderia lhes pertencer. As mulheres falavam mal dela. Os

homens, quando o arriscavam diante de suas esposas, ou quando estavam entre si, intercediam a seu favor, elogiando-lhe principalmente a elegância do corpo, alto e esbelto, ao longo do qual se podia deslizar o olhar, para cima e para baixo, sem que se encontrasse resistência em parte alguma.

À cabeceira da mesa sentava-se *Frau* Kupfer, uma mulher de cabelos castanhos e macilenta de tantas preocupações; uma viúva de guerra que explorava a pensão para manter-se e a seu filho, muito ordeira, precisa, sempre cônica das dificuldades da época, que se podiam expressar em números, e pela frase que ela usava com mais frequência: “Isto eu não posso me permitir”. À sua direita, sentava-se seu filho Oskar, um rapaz atarracado, de sobranceiras espessas e testa estreita. *Herr* Rebhuhn sentava-se à esquerda de *Frau* Kupfer; era um homem de idade madura, asmático, funcionário de um banco, muito amável, que só se tornava zangado e carrancudo quando se falava sobre o desfecho da guerra. Era judeu, mas estava altamente imbuído do nacionalismo alemão; quando alguém, nessas ocasiões, discordava, ele mencionava, como um raio, a “punhalada nas costas”, contrariando sua índole gentil. Ficava tão excitado que acabava tendo um acesso de asma; então sua irmã, *Fräulein* Rebhuhn, que com ele morava na pensão, tinha de conduzi-lo ao seu quarto. Como os outros conheciam essa sua peculiaridade, e sabiam o quanto ele sofria com a asma, evitava-se, em geral, levar a conversa até esse ponto crítico, e assim tais acessos eram bastante raros.

Somente *Herr* Schutt, cujo ferimento de guerra nada ficava devendo em gravidade à asma de *Herr* Rebhuhn, pois só podia andar com muletas, sofria dores atrozes e era muito pálido (precisava tomar morfina contra a dor), não tinha papas na língua. Odiava a guerra, e lamentava que ela não tivesse terminado antes de ele ter sido gravemente ferido; reafirmava tê-la previsto, pois sempre considerara o *kaiser* uma ameaça à sociedade; admitia pertencer ao Partido Independente e, se tivesse sido membro do Parlamento, não teria hesitado em votar contra os “empréstimos” de guerra. Era realmente despropositado que

aqueles dois, *Herr Rebhuhn* e *Herr Schutt*, se sentassem tão próximos um do outro, separados apenas pela avelhantada *Fräulein Rebhuhn*. Quando o ambiente ficava carregado, ela se inclinava para seu vizinho da esquerda, fazia um doce biquinho com os lábios de solteirona, punha sobre eles o dedo indicador e, com um longo olhar de súplica a *Herr Schutt*, apontava disfarçadamente para seu irmão, enviesando o indicador da mão direita. *Herr Schutt*, de ordinário tão amargo, a entendia e quase sempre se calava, às vezes parando no meio de uma frase; ele, aliás, falava em voz tão baixa que se tinha de prestar muita atenção para entendê-lo. Assim, a situação era salva graças a *Fräulein Rebhuhn*, sempre atenta a alguma frase perigosa. *Herr Rebhuhn* nada notava; ele próprio jamais iniciava uma discussão, era o mais pacífico e gentil de todos os homens. Só quando alguém mencionava o desfecho da guerra e aprovava os levantes que se lhe seguiram, a “punhalada” o atingia como um raio, e ele se atirava cegamente à luta.

Não se deve pensar, contudo, que era esse o ambiente usual àquela mesa. Este conflito guerreiro é o único do qual me lembro, e eu o teria esquecido se, em um ano, ele não tivesse se acirrado tanto, a ponto de os adversários terem de ser retirados da mesa: *Herr Rebhuhn*, como sempre, nos braços de sua irmã; e *Herr Schutt*, com muito mais cuidado, com suas muletas, auxiliado por *Fräulein Kündig*, uma professora que há muito tempo morava na pensão, que se tornara sua amiga e com quem mais tarde se casaria, para que ele tivesse seu próprio lar e fosse mais bem cuidado.

Fräulein Kündig era uma das duas professoras que moravam na pensão. A outra, *Fräulein Bunzel*, tinha o rosto marcado pela varíola, e a voz um tanto chorosa, como se em cada frase se queixasse de sua feiura. Não eram jovens; talvez andassem pelos quarenta. Ambas representavam, na pensão, a cultura. Como leitoras assíduas do *Frankfurter Zeitung*, sabiam o que se passava e do que se falava. Sentia-se que andavam à cata de pessoas com quem conversar e que não fossem demasiado indignas de sua atenção. Mas, certamente, não eram descortesias quando

não conseguiam encontrar algum cavalheiro que quisesse dar sua opinião sobre Unruh, Binding, Spengler, ou sobre o *Vincent* de Meier-Graefe. Sabiam quanto deviam à dona da pensão e, então, ficavam caladas. A voz chorosa de *Fräulein* Bunzel jamais denotava sequer um traço de sarcasmo; *Fräulein* Kündig parecia bem mais disposta e abordava os homens e os temas culturais com a mesma vivacidade, costumando esperar até que os dois elementos coincidissem: um homem com quem ela não pudesse *conversar*, de qualquer forma, só se interessaria por *Fräulein* Rahm, a manequim. Uma pessoa, a quem *Fräulein* Kündig não pudesse elucidar sobre um assunto ou outro, para ela estava fora de questão. Este, aliás, era o motivo, conforme confessou à minha mãe, pelo qual ela — ao contrário de sua colega, uma mulher atraente — ainda não havia se casado. Um homem que jamais leu um livro, para ela, não era homem; então, seria melhor continuar livre, e não ter que se incomodar com os cuidados da casa. Ela também não sentia vontade de ter filhos, pois já tinha de se haver com crianças demais. Frequentava teatros e concertos, sobre os quais gostava de falar, atendo-se, entretanto, às críticas do *Frankfurter Zeitung*. Era curioso, disse ela, como os críticos sempre partilhavam da sua opinião.

Minha mãe, familiarizada desde Arosa com as tendências culturais alemãs, as quais, em oposição à decadente estética viennense, a atraíam, gostava de *Fräulein* Kündig. Acreditava nela, não a tendo desaprovado ao perceber seu interesse por *Herr* Schutt. Este, amargurado demais para conversar sobre arte ou literatura, manifestava-se com um grunhido surdo quando se falava em Binding, a quem *Fräulein* Kündig apreciava não menos do que a Unruh — ambos apareciam com frequência no *Frankfurter Zeitung*. E quando era mencionado o nome de Spengler, o que na época era inevitável, *Herr* Schutt declarava: “Este não esteve na frente de combate. Ao menos que se saiba”; ao que *Herr* Rebhuhn objetava com brandura: “Creio que, para um filósofo, isto não conta”.

“Para um filósofo da História, talvez sim”, protestava *Fräulein* Kündig, de onde se podia deduzir que, com todo o respeito

devido a Spengler, ela tomava o partido de *Herr* Schutt. Daí, porém, não surgiu uma altercação entre os dois cavalheiros, mesmo porque *Herr* Schutt *esperava* que se prestasse o serviço militar, enquanto *Herr* Rebhuhn estava pronto a relevar tal exigência, o que de certo modo era uma conciliação, como se ambos tivessem trocado suas opiniões. Mas a verdadeira questão, se Spengler fora ou não combatente, dessa forma não ficava resolvida, e até hoje não sei a resposta. Era evidente que *Fräulein* Kündig tinha compaixão por *Herr* Schutt. Por bastante tempo ela soube disfarçar sua piedade com observações jocosas, tais como “nosso jovem guerreiro” ou “ele deu a volta por cima”. Era difícil saber se *Herr* Schutt simpatizava com ela, pois mantinha uma atitude indiferente, como se ela jamais lhe tivesse dirigido a palavra; em todo caso, ele a saudava com uma leve inclinação da cabeça ao entrar na sala de jantar, enquanto *Fräulein* Rebhuhn, à sua direita, não lhe merecia sequer um olhar. Certa vez, quando meus irmãos e eu nos demoramos na escola e nos atrasamos para o almoço, ele perguntou à minha mãe: “Onde andam as suas buchas de canhão?”, o que ela nos contou mais tarde, bastante indignada. Ela respondera, irritada: “Jamais! Jamais!”, e ele zombara: “Jamais outra guerra!”.

Herr Schutt reconhecia a obstinada atitude de minha mãe contra a guerra, embora ela jamais a tivesse sofrido de perto, e suas observações provocantes valessem mais como uma confirmação da postura que ela mantinha. Havia, entre os hóspedes da pensão, gente de espécie muito diferente, e de quem *Herr* Schutt sequer tomava conhecimento. Havia, por exemplo, o jovem casal Bemberg que sentava-se à esquerda. Ele, corretor da Bolsa, constantemente preocupado com lucros materiais, chegou até mesmo a louvar a “competência” de *Fräulein* Rahm, referindo-se à sua capacidade de manobrar entre numerosos pretendentes. “A moça mais chique de Frankfurt”, dizia ele, e no entanto era um dos pouquíssimos homens que nada pretendiam dela; estava, antes, impressionado com o “seu faro para o dinheiro” e o ceticismo com que reagia às lisonjas. “Ninguém consegue virar-lhe a cabeça. Primeiro ela quer saber quais são as intenções da pessoa.”

Sua mulher, que sempre seguia os ditames da moda, dos quais o cabelo curto era-lhe mais natural, era frívola, mas de uma maneira diferente de *Fräulein* Rahm. Provinha de boa família da classe média, mas era superficial. Notava-se que ela comprava tudo aquilo de que gostava, mas poucas coisas lhe assentavam bem; frequentava exposições de arte, mas nos quadros se interessava pelos vestidos das mulheres retratadas; admitia uma queda por Lucas Cranach, como ela explicava, por seu “fantástico” modernismo — “explicar” poderá soar exagerado para suas singelas interjeições. *Herr* e *Frau* Bemberg haviam se conhecido numa reunião dançante. Uma hora antes, ainda estranhos um ao outro, ambos sabiam — o que ele confessava com certo orgulho — que havia algo mais em cada um deles, mais nela do que nele, considerado um jovem e promissor agente de corretagem. Ele a achou “chique”, convidou-a para dançar, e logo a chamou de “Pattie”. “A senhorita me faz lembrar Pattie”, disse ele, “uma americana.” Ela quis saber se fora seu primeiro amor. “Depende do que se quer dizer com isso”, disse ele. Ela o entendeu, achou fantástico que sua primeira mulher tivesse sido americana e manteve o nome de Pattie. Ele a chamava assim diante de todos os hóspedes da pensão, e quando ela não descia para a refeição ele dizia: “Pattie hoje não está com fome. Está preocupada com a silhueta”.

Esse casal inofensivo, eu também o teria esquecido, se *Herr* Schutt não o tivesse tratado como se não existisse. Quando *Herr* Schutt se aproximava com suas muletas, era como se aqueles dois não estivessem lá. Ignorava sua saudação e não via seus rostos. *Frau* Kupfer, que só permitia que *Herr* Schutt residisse na pensão em memória de seu marido morto em combate, não ousou uma única vez, em sua presença, dizer “*Herr*” ou “*Frau* Bemberg”. O casal aceitou sem reclamar esse boicote iniciado por *Herr* Schutt, que, no entanto, não foi seguido pelos demais hóspedes. O casal tinha compaixão pelo aleijado, que parecia pobre em todos os sentidos e, embora não fosse muita, contrabalançava perfeitamente o desprezo que ele manifestava.

Na outra ponta da mesa, os contrastes eram menos nítidos.

Herr Schimmel, gerente numa loja de departamentos, vendia saúde, com seu bigode em pontas e suas faces rosadas; um ex-oficial, nem amargo, nem insatisfeito. O sorriso, que jamais desaparecia de seu rosto, era uma espécie de estado de espírito. Era confortador verificar-se a existência de humores que sempre permanecem iguais. Mesmo sob as piores tempestades, seu sorriso não se alterava, e causava admiração o fato de que tanta satisfação não precisasse de um complemento para se conservar. Tal complemento seria fácil de se encontrar, pois não longe de *Herr Schimmel* sentava-se *Fräulein Parandowski*, uma vendedora; bela e orgulhosa, com a cabeça de uma estátua grega, mantinha-se imperturbável quando *Fräulein Kündig* citava o *Frankfurter Zeitung* ou quando ouvia os elogios de *Herr Bemberg* dirigidos a *Fräulein Rahm*. “Isto eu não poderia fazer”, dizia sacudindo a cabeça. Mais do que isso não dizia, mas ficava claro o que é que ela não poderia fazer. *Fräulein Parandowski* escutava e raramente dizia alguma coisa. Sua imperturbabilidade lhe assentava bem. O bigode de *Herr Schimmel* — ele sentava-se diagonalmente à sua frente — parecia ter sido escovado especialmente para ela e os dois pareciam feitos um para o outro. Mas ele jamais lhe dirigia a palavra; nunca entravam ou saíam juntos, como se seu desencontro tivesse sido rigorosamente planejado. *Fräulein Parandowski* não esperava que ele saísse da mesa para levantar-se. Tampouco evitava chegar bastante tempo antes dele. Eles, contudo, tinham algo em comum: o silêncio; mas ele sempre sorria sem segundas intenções, enquanto ela, de cabeça erguida, ficava tão séria como se estivesse todo o tempo pensando em alguma coisa importante.

Todos tinham certeza de que havia algo por trás daquela atitude, mas qualquer tentativa de *Fräulein Kündig*, que sentava-se perto deles, de descobrir do que se tratava, encontrava monumental resistência por parte de ambos. *Fräulein Bunzel* certa vez, distraída, chamou *Fräulein Parandowski* de “cariátide”, às suas costas, enquanto *Fräulein Kündig* alegremente saudou *Herr Schimmel* com um: “Aí vem a Cavalaria”. Mas *Fräulein Kupfer* imediatamente as advertiu de que não podia permitir observa-

ções pessoais à sua mesa. *Fräulein* Kündig aproveitou a admoestação para perguntar a *Herr* Schimmel, francamente, se ele se opunha a que se referissem a ele como “Cavalaria”. “Para mim é uma honra”, disse ele sorrindo, “pertenci à Cavalaria.” “E pertencerá até o fim de sua vida.” É como *Herr* Schutt reagia a qualquer escorregadela de *Fräulein* Kündig, antes mesmo que estivesse decidido que gostavam um do outro.

Foi só cerca de meio ano depois que apareceu na pensão um espírito superior: *Herr* Caroli. Ele sabia manter todos a distância, havia lido muito. Suas observações irônicas, frutos de suas leituras, cuidadosamente cristalizados, encantavam *Fräulein* Kündig. Nem sempre ela identificava a fonte das citações que ele fazia, e humilhava-se a ponto de pedir esclarecimentos. “Por favor, por favor, de onde o senhor tirou isso? Diga-me, por favor; do contrário, esta noite novamente não poderei dormir.” “De onde ele o teria tirado?”, respondia *Herr* Schutt em lugar de *Herr* Caroli, “do dicionário de citações de Büchmann, como tudo o que ele diz.” Mas, para vergonha de *Herr* Schutt, ele estava enganado, pois nada daquilo que *Herr* Caroli citava vinha do Büchmann. “Eu preferiria tomar veneno a usar o Büchmann”, dizia *Herr* Caroli. “Jamais cito o que eu não tenha efetivamente lido.” Todos concordavam, na pensão, que isso fosse verdade. O único que duvidava era eu, porque *Herr* Caroli não fazia caso de nós. Mesmo minha mãe, que certamente tinha tanta cultura quanto ele, lhe desagradava, porque seus três meninos ocupavam o lugar dos adultos à mesa, e por nossa causa ele tinha de reprimir suas observações mais espirituosas.

Nessa época — eu estava lendo as tragédias gregas — ele fez uma citação do *Édipo*, depois de assistir a uma representação em Darmstadt. Continuei a citação, mas ele fingiu que não me ouvira, e quando eu, teimoso, a repeti, ele se virou rápido para mim e perguntou, rispidamente: “Vocês hoje aprendem isso na escola?”. Como raramente eu dizia alguma coisa, sua admoestação, com a qual ele pretendia que eu me calasse de uma vez por todas, era injusta, o que os demais também perceberam. Mas ele

era temido por sua ironia, e por isso ninguém protestou; e eu me calei, humilhado.

Herr Caroli sabia muita coisa de cor e, espirituosamente, alterava citações inteiras; depois esperava para ver se alguém percebera o que ele havia feito. *Fräulein* Kündig, assídua frequentadora de teatro, era quem seguia com mais afincos os seus rastros. Ele tinha humor e, com um jeito todo especial, distorcia as coisas mais sérias. Teve de ouvir, contudo, de *Fräulein* Rebhuhn, a mais sensível de todas, que para ele nada era sagrado, ao que ele teve a ousadia de responder: “Feuerbach, em todo o caso, não o é”. Todos sabiam que *Fräulein* Rebhuhn vivia apenas para seu irmão asmático e para Feuerbach. Sobre Ifigênia, a de Feuerbach, naturalmente, ela costumava dizer: “É ela que eu gostaria de ter sido”. *Herr* Caroli, que tinha a aparência de um latino, com cerca de 35 anos, e que tinha de ouvir das damas que sua testa era igual à de Trotski, não poupava ninguém, nem mesmo a si próprio. Ele preferiria ser Rathenau, disse, três dias antes do assassinato de Rathenau; e foi esta a única vez que o vi abalado, pois olhou para mim, um garoto de escola, e com lágrimas nos olhos disse: “Está chegando o fim!”.

Herr Rebhuhn, aquele homem bondoso que adorava o *kaiser*, foi o único que não ficou atarantado com o assassinato. Apreciava muito mais o velho Rathenau do que o filho, pois a este jamais perdoou ter servido à República. No entanto, admitia que Walther adquirira certo mérito ao servir à Alemanha, na guerra, quando ainda era império e mantinha sua honra. *Herr* Schutt disse furioso: “Eles acabarão assassinando a todos, a todos!” Pela primeira vez em sua vida, *Herr* Bemberg mencionou a classe operária: “Os operários não vão tolerar uma coisa destas!”. *Herr* Caroli disse: “Deveríamos deixar a Alemanha!”. *Fräulein* Rahm, que não gostava de assassinatos porque, em geral, alguma coisa saía errado, disse: “O senhor me leva?”, o que *Herr* Caroli jamais esqueceu. A partir desse dia sua pretensão à cultura o abandonou. Ele fazia-lhe a corte abertamente e, para dissabor das mulheres, foi visto entrando no quarto dela, de onde só saiu às dez horas.